

ZOLTÁN BOLDIZSÁR SIMON

OS TEÓRICOS DA HISTÓRIA TÊM UMA TEORIA DA HISTÓRIA?

REFLEXÕES SOBRE UMA NÃO-DISCIPLINA

COLEÇÃO FRONTEIRAS DA TEORIA



"Merece ser lido por todos e todas interessadas nessas
discussões".

Arthur de Lima Avila

EDITORA MILFONTES

**OS TEÓRICOS DA HISTÓRIA
TÊM UMA TEORIA DA
HISTÓRIA?**



Copyright © 2019, Zoltán Boldizsár Simon.

Copyright © 2019, Editora Milfontes.

Av. Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória, ES.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Coordenadora da Coleção Fronteiras da Teoria

Prof.^a Dr.^a Luisa Rauter Pereira (UFOP)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila (UFRGS)

Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)

Prof. Dr. Eurico J. Gomes Dias (Universidade do Porto)

Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)

Prof.^a. Dr.^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)

Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Prof.^a. Dr.^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Beatriz Nader (UFES)

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)

Prof.^a. Dr.^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)

Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UERJ)

Prof. Dr. Valdei Lopes de Araújo (UFOP)

Prof.^a. Dr.^a Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

ZOLTÁN BOLDIZSÁR SIMON

**OS TEÓRICOS DA HISTÓRIA TÊM
UMA TEORIA DA HISTÓRIA?**

Reflexões sobre uma não-disciplina

*Coleção Fronteiras da Teoria
Volume I*

*Tradução
Arthur Lima de Avila*



EDITORA MILFONTES
Vitória, 2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Bruno César Nascimento - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S594t Simon, Zoltán Boldizsár.

Os teóricos da História têm uma teoria da história? Reflexões sobre uma não-disciplina/
Zoltán Boldizsár Simon. Tradução Arthur de Lima Avila. Coleção Fronteiras da Teoria, volume 1.
Vitória: Editora Milfontes, 2019.

54 p. : 15 cm

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-94353-70-2

1. Historiografia 2. Teoria 3. Disciplina I. Simon, Zoltán Boldizsár II. Título.

CDD 901.02

Sumário

<i>Uma Breve Palavra do Editor.....</i>	<i>7</i>
<i>Apresentação da Coleção Fronteiras.....</i>	<i>9</i>
<i>Apresentação.....</i>	<i>13</i>
<i>Os teóricos da História têm uma teoria da história?</i>	
<i>Reflexões sobre uma não-disciplina</i>	<i>17</i>
<i>Bibliografia.....</i>	<i>51</i>

Uma Breve Palavra do Editor

Em uma agradável tarde de maio, durante um almoço, que surgiu do acaso e que tinha como maior pretensão reencontrar um amigo, nasceu um esforço conjunto entre o NEHM-UFOP, a SBTHH e a Editora Milfontes, com o objetivo de dar maior capilaridade e força aos debates em torno da disciplina História, e o que você, caro leitor, tem agora em mãos é o primeiro resultado desse trabalho.

Com essa tradução do texto do Prof. Zoltan, magistralmente realizada pelo Prof. Arthur Avila, a *Coleção Fronteiras da Teoria* já nasce com uma potência e latência que são necessárias a esse tipo de empreendimento.

A proposta da *Coleção* é trazer, em um formato compacto e de leitura rápida, textos de vanguarda que auxiliem na

aceleração da construção de uma massa crítica no campo historiográfico, tendo em mira, principalmente, os debates que possam ocorrer nas salas de aula das Universidades Brasileiras, e para isso contamos com a colaboração de inúmeros voluntários, a fim de tornar possível e viável tal *Projeto*.

Como Editor, e principalmente como leitor, espero que todos que tenham esse trabalho em mãos gostem da proposta e que fomentem o acesso a essa nova plataforma no intuito de torná-la próspera e duradoura.

Bruno César Nascimento
Editora Milfontes
Vitória, outubro de 2019.

Apresentação da Coleção Fronteiras

Ao longo especialmente da segunda metade do século XX, o saber histórico especializado sofreu uma profunda crítica no bojo da crise dos pressupostos epistemológicos, ontológicos e políticos do projeto da Ilustração. A atitude filosófica da desconstrução, as correntes narrativistas, os estudos da memória, o movimento pós-colonial e renovadas teorias da temporalidade forçaram a uma reorientação da prática historiadora até então tradicionalmente orientada pela pretensão de ser um *locus* privilegiado, neutro e distanciado de conhecimento do passado. As grandes tragédias humanitárias do século XX e a crise do mundo socialista abalaram o ideal de progresso e as certezas da cultura ocidental pondo a nu a História como uma construção discursiva realizada num lugar intelectual e institucional histórica e culturalmente situado.

Neste início de milênio, novos desafios têm sido colocados para a contemporaneidade em escala global. O desastre climático iminente, o recente ciclo de crise econômica do capitalismo, a tragédia dos refugiados na Europa, a crise das liberais-democracias e o retorno dos fascismos tem suscitado renovadas questões para a disciplina, apontando, tanto para um alargamento quanto para a superação de algumas questões trazidas pelo movimento de crítica conhecida como “pós-modernista” e “pós-estruturalista”. Concepções renovadas a respeito de conceitos centrais como fato, evento, época, periodização e fronteiras temporais tem aprofundando o movimento de desnaturalização das bases disciplinares. Tem-se igualmente contestado a proeminência do historiador e da historiografia profissional no conhecimento e apresentação do passado, bem como seu tradicional afastamento dos espaços públicos de conflito entre discursos sobre o passado. Em decorrência, tem sido reconhecida a pluralidade das formas da

comunicação e circulação do saber histórico e a necessidade de repensar o papel do historiador neste campo. As recentes “teorias da presença” têm apontado para uma “virada ontológica” na historiografia, abalando as estratégias balizadas da crítica pós-moderna. Mais recentemente, diante da perspectiva do colapso ambiental e das recentes inovações científicas que tem revolucionado o padrão de intervenção na natureza e no corpo humano, historiadores tem se engajado em estudos interdisciplinares que tem apontado para o abalo da clivagem entre natureza e cultura, constituinte basilar das ciências humanas. Neste momento crítico, pensar os desafios do presente e do futuro em escala global tem sido uma tarefa na qual a comunidade de historiadores tem se engajado de modo crescente.

Temos o prazer de apresentar a *Coleção Fronteiras da Teoria*, iniciativa do Núcleo de Estudos em Historiografia e Modernidade, sediado na Universidade

Federal de Ouro Preto em parceria com a *Editora Milfontes*. Disponibilizaremos ao público brasileiro textos inéditos em língua portuguesa de autores de diversas partes do mundo considerados proeminentes no campos da Teoria da História e da História da Historiografia na atualidade. A coleção visa a contribuir para o movimento em curso de internacionalização do debate acadêmico brasileiro, facilitando o acesso a discussões, temáticas e abordagens de ponta neste campo.

Luisa Rauter Pereira

Universidade Federal de Ouro Preto

Coordenadora da Coleção Fronteiras da Teoria

Apresentação

Nesse texto, Zoltán Simon se propõe uma tarefa tão admirável quanto difícil: tentar definir o que significa, afinal de contas, isto que chamamos de “teoria da história”. Para tanto, o historiador húngaro percorre o panorama contemporâneo das discussões teóricas sobre história e historiografia, dos debates sobre gênero ao que costumávamos chamar de “filosofia da história”, para concluir que, sim, podemos chegar a uma definição, ao menos para os dias de hoje, sobre o que é “teoria da história”. Segundo ele, portanto, ela pode referir-se tanto a teorizações sobre a história quanto acerca dos estudos históricos, isto é, tanto a “métodos e abordagens” quanto “ao mundo cambiante dos assuntos humanos”. Ao fim e ao cabo, conclui Simon, “teoria da história” é hoje o que fazemos dela.

Esta, evidentemente, é uma acepção bastante discutível. Se teoria da história é o que fazemos dela, então qual seria o sentido em se chegar a uma definição universalmente válida dela? Será que precisamos de um significado global disto que, nos disse recente e provocadoramente Damián Tabarovsky, talvez seja o grande relato ficcional dos últimos cem anos? Será que isto serve para pensarmos a enorme diversidade teórica que caracteriza a historiografia disciplinada contemporânea, não obstante seus pilares basilares compartilhados globalmente? Finalmente, para nós que estamos no Sul global, este gesto, mesmo que importante e defensável, não repetiria aquela velha divisão do trabalho intelectual que coloca o Norte como produtor de teorias, seja sobre o que for, e o meridiano do mundo como mero aplicador ou reproduzidor delas (a relativa ausência de pensadores e pensadoras do Sul da Terra no texto é aqui bastante sintomática)? Não quero aqui, obviamente, rejeitar a priori a discussão colocada por Simon ou negar sua

legitimidade para os contextos brasileiros e latino-americanos, por exemplo. Longe disso. Minha intenção é justamente partir de suas considerações mais amplas para continuar a discussão, não encerrá-la - até porque concordo plenamente com Simon sobre a necessidade de encontrarmos teorias da história que digam respeito aos problemas globais de nossos dias. Nesse caso, contudo, talvez seja imperativa uma (re)politização explícita da teoria da história como não só uma reflexão sobre o que historiadores e historiadoras fazem, mas como um discurso francamente crítico acerca do tempo em que nos coube viver – uma preocupação que parece secundária às boas ponderações de Simon feitas no texto.

Desta maneira, as indagações aqui colocadas de modo algum põem em dúvida a qualidade do trabalho de Simon ou sua pertinência para os debates mais amplos sobre teoria da história. Pelo contrário: é precisamente por que causa delas que tais

questionamentos puderam ser feitos, pois, sabemos bem, um texto pode ser medido não somente pelas suas conclusões, mas também, e talvez principalmente, pelas questões que ajuda a levantar. Nesse sentido, “Os teóricos da história têm uma teoria da história?” é uma contribuição fundamental para que pensemos sobre o que, parafraseando um célebre intelectual francês, enfim fabricam os teóricos e teóricas da história quando fazem (suas) teoria(s) da história, e que merece ser lida por todos e todas interessadas nessas discussões. Boa leitura, portanto!

Arthur Lima de Avila

OS TEÓRICOS DA HISTÓRIA TÊM UMA TEORIA DA HISTÓRIA?

Reflexões sobre uma não-disciplina¹

por Zoltán Boldizsár Simon

1 Tradução: Arthur Lima de Avila (UFRGS).

Você é fascinada por questões sobre o conhecimento histórico? Está envolvida com o mapeamento das estratégias narrativas da história? Ou, ao invés disso, se pergunta sobre como o Antropoceno e as visões de um futuro pós-humano podem transformar o que pensamos ser a história? Talvez pense ser mais importante explorar os modos pelos quais a categoria de gênero permeia a prática histórica. Ou talvez dê uma pausa nas questões referentes ao estudo histórico e se aventure em teorizar sobre algo como o processo histórico. Quem sabe você seja fascinada pelos discursos de memória e trauma e pela questão de como eles se relacionam com a história. Ou tem uma proposta metodológica? Você teoriza sobre história global, história ambiental ou história pós-colonial? É uma historiadora dos conceitos? Pretende anunciar uma “virada” nos estudos históricos ou contribuir para uma? Talvez até já tenha o feito.

Se você é e está fazendo ou fez algumas das coisas acima, então pensa sobre si

mesma do mesmo modo como seus colegas pensam sobre você, a saber, como alguém engajada com o que é comumente chamado de teoria histórica. Ou teoria da história. Ou filosofia da história. Ou tudo isso tomado em conjunto: a teoria e filosofia da história. Esta é a atividade com a qual também estou geralmente engajado, e esta é a atividade que me desorienta bastante. Não somente quando a realizo, mas também quando tento explicar o que realmente faço enquanto realizo aquela atividade nas primeiras décadas do século XXI.

As dificuldades começam com a própria nomeação da atividade enquanto um campo de estudo. As três alternativas mais populares são, como indicado acima, teoria histórica, teoria da história e filosofia da história. Ainda assim, seria equivocado argumentar que estes três termos são equivalentes em seus usos atuais. Eles podem se sobrepor de várias maneiras, mas eles também diferem no que diz respeito à questão sobre o quão inclusivos ou exclusivos são. Ao resenhar as

opções, Herman Paul, após uma revisão das possibilidades, optou por “teoria histórica” no seu livro para estudantes de graduação, precisamente por razões de inclusão.² Na visão de Paul, esta abrangência decorre amplamente da possibilidade de superação de uma visão da filosofia da história que diferencie fortemente entre suas versões “especulativas” e “críticas” ou “substantivas” e “analíticas”.³ E Paul, penso eu, faz um chamado em múltiplos níveis que é adequado aos propósitos de inclusão. Estas distinções foram introduzidas pelos filósofos analíticos nas décadas do pós-guerra com a intenção de legitimar o estudo do conhecimento histórico e deslegitimar a especulação sobre algo como o “processo histórico”. Elas não dizem respeito somente ao que constitui a

2 PAUL, Herman. **Key Issues in Historical Theory**. London and New York: Routledge, 2015.

3 WALSH, William H. **Philosophy of History: An Introduction**. New York: Harper, 1960; DANTO, Arthur C. **Narration and Knowledge: Including the Integral Text of Analytical Philosophy of History**. New York: Columbia University Press, 1985.

filosofia “correta”, mas também ao sentido “correto” da palavra “história”. Enquanto as velhas filosofias da história especulativas e substantivas dedicavam-se a mapear a história entendida como um curso unitário dos assuntos humanos, uma legítima filosofia da história crítica ou analítica estudaria a história enquanto estudos históricos (ou, em sentido mais amplo, quaisquer práticas que afirmam produzir conhecimento histórico, incluindo as velhas filosofias da história). Superar esta distinção por “teoria histórica” também implicaria ao menos em uma renegociação da relação entre os dois sentidos da palavra “história”.

Ainda assim, as coisas são um pouco mais complicadas que isto, pois o que parece ser um termo desejável para Paul por causa de seu potencial integrativo, pode parecer desejável a outrem precisamente em razão de seu potencial para a exclusividade. A última potencialidade é a que informa a abordagem de Nancy Partner sobre o assunto enquanto

coeditora do *The Sage Handbook of Historical Theory*. Partner distingue entre “filosofia da história” e “teoria” tendo precisamente por base os diferentes sentidos da história, afirmando que enquanto a primeira lida com o processo histórico, o sentido restrito de “teoria histórica” deveria concernir somente aos assuntos da disciplina da história.⁴ Deste modo, ela constrói uma divisão não somente entre os diferentes sentidos de história, mas também entre “filosofia” e “teoria” (ainda que tal distinção se assemelhe à distinção dos filósofos analíticos, com “teoria” referindo-se ao legítimo e “filosofia” ao ilegítimo”).

A situação que emerge das posições de Partner e Paul é um tanto desconfortável. Ao mencionar somente duas diferentes acepções de um único termo – “teoria histórica” – um punhado de divisões já vem à luz: entre diferentes entendimentos

4 PARTNER, Nancy. *Foundations: Theoretical Framework for Knowledge of the Past*. In.: PARTNER, Nancy; FOOT, Sarah (org.). **The SAGE Handbook of Historical Theory**. Los Angeles: SAGE, 2013, p. 2

de “filosofia da história”, entre diferentes sentidos de “história” enquanto estudos históricos ou o curso dos assuntos humanos, entre “filosofia” e “teoria”. O propósito deste ensaio não é, contudo, analisar ainda mais variações e eventualmente solucionar o problema de nomeação.⁵ Ao invés disto, nas páginas a seguir, me referirei ao campo de estudos nos termos mais inclusivos. Vou referir-me a ele como a teoria e filosofia da história que de algum modo abranja as diferentes compreensões de “teoria”, “filosofia” e “história”, e explicar o que penso ser atualmente este campo de estudos. Não porque quero revelar a verdadeira natureza da teoria e da filosofia da história, mas porque o tempo está maduro para uma discussão sobre o que teorias e filosofias da história podem ou não hoje alcançar, com atenção especial à questão de como elas se relacionam com os estudos históricos.

5 SIMON, Zoltán Boldizsár; KUUKKANEN, Jouni-Matti. *Introduction: Assessing Narrativism. History and Theory*, v. 54, n. 2, p. 154-155, 2015.

Entretanto, uma olhadela para esta confusão sobre nomeação tem seu valor. Ela atesta para o fato de que o campo de estudos cujo nome está em questão mal existe institucionalmente. O campo propriamente dito não é nenhum subcampo de qualquer disciplina institucionalizada existente e abertura de vagas em “teoria da história”, “teoria histórica” e “filosofia da história” são mais raras do que atos agradáveis em *Game of Thrones*. É verdade que abordagens individuais que são parte do campo mais amplo de teoria e filosofia da história podem ser realizadas em vários departamentos de história. Os departamentos de história na maioria das universidades oferecem cursos metodológicos e em historiografia enquanto o estudo da história dos estudos históricos que pode opcionalmente incluir teorias de história. Alguns filósofos analíticos podem, em princípio, manter um engajamento com “filosofia da história” nos departamentos de Filosofia como *um* de seus focos. Departamentos de Inglês e Literatura (comparada) discutem assuntos que se

justapõem com temas amplamente discutidos na teoria e filosofia da história (como o das narrativas históricas, por exemplo). Estas sobreposições temáticas e inclusões parciais em perfis educacionais e de pesquisa ainda assim não criam um sentido compartilhado de integridade disciplinar e institucional. O que elas criam é uma divisão institucional e às vezes até mesmo discórdia intelectual emergindo destas divisões institucionais.

Ainda assim, desafiar o rígido panorama institucional pode não ser algo ruim, se o campo da teoria e da filosofia da história podem alcançar integridade por outros meios. Agora, existe algo que possa criar um senso de que a teoria e a filosofia da história podem primeiramente constituir um campo de estudo? Acredito que sim. Porque, a despeito de todos os desacordos sobre nomeação (desacordos sobre questões de inclusão e exclusão) e a não obstante a falta de integridade formal e institucional, creio que existem dois importantes fatores

centrípetos que geram o senso de que pode haver um campo de estudos mais amplo e nos termos mais inclusivos.

O primeiro é a discussão em andamento que ocorre não somente em conferências e *workshops*, mas em alguns lugares em comum. Filosofias analíticas da história e abordagens filosóficas sobre a história enquanto o curso dos assuntos humanos, tratados metodológicos, histórias da história, teorias críticas do trabalho histórico, análises conceituais sobre a noção de história, questões sobre teoria pós-colonial e de gênero na e como história e uma grande variedade de várias outras abordagens divergentes se encontram nas páginas de revistas acadêmicas que vão da *History and Theory* a *Historein*, *Rethinking History*, o *Journal of Philosophy of History* e *Storia della Storiografia* a esta mesma revista. Por trás desta discussão atual está o segundo fator centrípeto, ou seja, as redes, centros e eixos atuais informais e quase-formais. Sem ter a ambição de fornecer

uma lista completa, você pode pensar na *International Network for Theory and History* mais integrativa, em Ghent, o seminário mais focado em filosofia da história do Instituto de Pesquisa Histórica em Londres, o *Center for Metahistory* em Groningen, o Centro para os Estudos Filosóficos de História em Oulu, o grupo e programa de pesquisas *Metahistorias* de Buenos Aires, com uma história de quase duas décadas, a Sociedade Brasileira de Teoria da História e Historiografia no Brasil, com um foco em história da historiografia, ou o *Zentrum for Theorien in der Historischen Forschung* (Centro para Teorias em Estudos Históricos) recentemente lançado em Bielefeld.

A existência de tudo isso se deve largamente ao trabalho pioneiro de uma geração de intelectuais eminentes. Mas nas primeiras décadas do novo século, definitivamente existe uma geração mais jovem que está juntando estas linhas divergentes na tentativa de se estabelecer plataformas comuns para a troca de ideias

sobre história. Estes fatores centrípetos podem estar acompanhando uma reorientação mais ampla no campo de teoria e filosofia da história, o que não é surpresa para quaisquer historiadores e historiadoras. Porque não somente a história enquanto historiografia muda – algo que historiadores e historiadoras sabem muito bem – mas suas teorias e filosofias também cambiam.⁶

Estas alterações no campo teórico podem ou não interagir com mudanças historiográficas. De fato, o problema maior sobre a relação entre o campo teórico e o trabalho histórico é precisamente o que está em questão nesta troca mais ampla sobre ideias de história nas plataformas comuns acima citadas. Assim que você entra nesta troca, você assume o papel intelectual de uma teórica ou teórico da história, definido pelo

6 SPIEGEL, Gabrielle M. *Revising the Past / Revisiting the Present: How Change Happens in Historiography*. **History and Theory**, v. 46, n. 4, p. 1–19, 2007; HUGHES-WARRINGTON, Marnie. **Revisionist Histories**. London and New York: Routledge, 2013.

seu próprio engajamento com aquela troca mais amplamente definida. E são, creio, as ações que emergem deste papel intelectual que constituem o campo de teoria e filosofia da história e ele próprio é mantido coeso pelas plataformas e redes de troca acima mencionadas, que dão um certo grau de integridade e coerência a um campo de outro modo fracamente institucionalizado. Mas, se a situação institucional não é decisiva, a seguinte questão emerge: o que significa assumir o papel de uma teórica ou teórico da história? O que vocês fazem enquanto tais? É esperado que você ao menos desenvolva ou tenha uma “teoria da história”? Ou, para colocar de maneira absurdamente simples, as teóricas e teóricos da história precisam *necessariamente* ter uma teoria da história?

Para poder responder esta questão, eu primeiramente preciso responder a indagação sobre o que uma “teoria da história” poderia ser. Do modo como vejo, uma teoria da história é precisamente o que é gramaticalmente:

é *uma* teoria; e é uma teoria *da* história. Primeiramente, uma teoria da história não é mais do que *a* teoria da história assim como *A História da Sexualidade* de Foucault não é *a* história da sexualidade (mesmo que os admiradores mais radicais de Foucault possam tratá-la como se ela realmente o fosse).⁷ Então, o “da” na frase “uma teoria da história” pode ser interpretada de duas importantes formas. Isto significa que uma teoria *pertence à* história, na qual a história é compreendida somente enquanto uma disciplina. Neste sentido, uma teoria da história é uma teoria interna à ou internalizada pela prática da história e o termo “teoria” é definido vagamente. Tão vagamente que, de fato, ele não é de modo algum definido. Ele geralmente é considerado uma metodologia, como a história intelectual inspirada por Quentin Skinner, uma abordagem como a história global atualmente em moda, teorias críticas apropriadas pela historiografia como a teoria e história pós-

7 FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality**. New York: Pantheon, 1978, 3 v.

coloniais, uma interpretação histórica de longa duração (como “teorias” de modernização e secularização) ou uma mistura destas e de outras teorias internas e internalizadas.

Algumas destas são compatíveis umas com as outras, enquanto algumas não o são. Mas, a princípio, você poderia escolher uma delas e a sua escolha não implicaria em uma afirmação normativa concernente à disciplina como um todo. Embora certamente existam escolhas teóricas internas dominantes em determinados tempos e ambientes, se você escolhe escrever uma micro-história, isto não implica que toda a disciplina deva se transformar em micro-história. Do mesmo modo – apenas para dar um exemplo mais atual – se você opta por escrever uma história global, isto não significa que todos os seus e suas colegas deveriam lhe seguir e escrever somente história globais daqui para a frente, a despeito de todas as aparências. Esta particularidade de escolhas teóricas é ainda melhor iluminada pela combinação entre estas opções. Se sua história

global é também uma história ambiental que se apropria dos *insights* da história pós-colonial informada pela teoria pós-colonial, então você certamente não pensa que teorias da história internas deveriam ser válidas para toda a disciplina. Ou, para dar um exemplo mais concreto, se você está de acordo com Angelika Epple sobre a *Practice Theory* poder resolver alguns dos desafios de uma escrita da história global,⁸ então você definitivamente não pensa que ela deveria ser integrada a todas as abordagens históricas. Provavelmente, você nem pensaria que sua adoção fosse uma solução para todas as variedades existentes dentro de uma abordagem histórica particular chamada “história global”. Para colocar isto de forma clara, ter uma “teoria da história” nestes termos é uma questão de escolhas particulares. Mesmo que estas opções tragam mudanças à disciplina, elas não a alteram por inteiro.

8 EPPLE, Angelika. Calling for a Practice Turn in Global History: Practices as Drivers of Globalization/s. **History and Theory**, v. 57, n. 3, p. 390–407, 2018.

O caso é muito diferente no que tange à segunda interpretação importante da frase “uma teoria da história”, no sentido de uma teoria *sobre* a história. Aqui a história pode significar tanto os estudos históricos e o curso dos assuntos humanos, e uma teoria sobre ambos claramente implica em uma afirmação de universalidade. Uma teoria da história neste sentido demanda uma validade referente a todas as práticas históricas das quais a disciplina consiste (se você fala sobre história enquanto historiografia), e ela demanda validade concernente à totalidade do curso dos assuntos humanos (se você é uma das poucas teóricas da história dispostas a falar da história neste sentido). Nas últimas décadas, a teorização sobre a história predominantemente se encaixou na primeira categoria. Ainda que um *revival* de uma teorização da história como o mundo cambiante dos assuntos humanos possa vir a ser um refresco necessário à teoria e filosofia da história, no momento, “uma teoria da história” enquanto uma teoria *sobre* a história ainda tem a escrita da história como

seu foco primário. Esta teoria da história (enquanto historiografia) explica a história em um nível tão generalizante que se torna indiferente à pluralidade metodológica das abordagens históricas. Não obstante o fato de que tratados metodológicos são usualmente rotulados como “teoria”, uma teoria da história enquanto uma teoria *sobre* a história explica ou entende a história (tanto como historiografia quanto curso da história) a despeito das formas particulares que as historiadoras e historiadores inventam para a satisfação de suas curiosidades particulares (métodos) e, portanto, a despeito das próprias curiosidades (os objetos de estudo em particular).

Assim como uma teoria da história interna, uma teoria da história neste sentido traz mudanças referentes à disciplina. Mas, ao contrário de uma teoria da história interna, ela não pode operar uma mudança *dentro* da disciplina.⁹ Ao invés disso,

⁹ Isto pode acontecer em um certo modo, ao qual retornarei mais adiante. Por agora, o que gostaria de apontar é somente o fato de que essa possibilidade não

ela muda a disciplina inteira ao descrevê-la e explicá-la de um modo que traz uma nova luz ao que antes havia sido pensado sobre a história.

Aqui, o exemplo mais óbvio é o trabalho teórico sobre a história enquanto narrativa, inspirado tanto pela filosofia analítica quanto pela obra de Hayden White. Enquanto teorias que pertencem aos estudos históricos são responsáveis pela orientação interna da disciplina, teorias sobre história podem mudar a autoimagem da disciplina inteira e assim orientá-la em sua relação com outras disciplinas.

O mesmo vale para uma teoria da história enquanto uma teoria sobre a história concernente à história como o mundo cambiante dos assuntos humanos:

ela pode mudar qualquer coisa que tenha sido antes pensada

deriva da constituição de uma teoria da história qualquer; ela é consequência dos usos que certos historiadores e historiadoras fazem de uma teoria da história e a internalizam como uma abordagem particular.

sobre mudança histórica ao reconceitualizar os modos pelos quais passado, presente e futuro se relacionam entre eles.

Este segundo uso, entretanto, também acarreta no que penso ser a relação mais produtiva entre teorias e filosofias da história e os estudos históricos. Ao invés de discutir somente o trabalho da disciplina de história, teorias da história podem, em princípio, trabalhar em conjunto com os estudos históricos no desenvolvimento de modos de compreensão da condição histórica de nós mesmos e do mundo. Não *ao invés* de teorizar sobre o trabalho dos estudos históricos, mas por sua *suplementação*; e não de uma maneira que reviva filosofias da histórica em seu sentido clássico de grandes interpretações sobre o processo histórico, mas de novos modos que evadem as tão-criticadas pressuposições daquelas filosofias da história, como a teleologia, sentido definitivo ou temporalidade linear, por exemplo.

As velhas distinções entre filosofias da história “críticas” e “especulativas” ou entre “analíticas” e “substantivas” já foram desacreditadas de várias maneiras. O caso não é o de que elas tenham perdido seu poder de atração, mas mais sobre como as categorias destas distinções não conseguem capturar adequadamente o caráter dos recentes trabalhos teóricos sobre história. De um modo ou de outro, elas simplesmente não se aplicam à larga quantidade de trabalhos sobre o tempo histórico,¹⁰ incluindo tópicos sobre periodização e cronologia;¹¹ à análise de François Hartog sobre “regimes de

10 FARELD, Victoria. Between the Living and the Dead: New Perspectives on Time in History. **History Compass**, v. 14, n. 9, p. 430–440, 2016.

11 LORENZ, Chris. The Times They Are a-Changin: On Time, Space and Periodization in History. CARRETERO, Maria; BERGER, Stefan; GREVER, Maria (org.), **Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education**. Palgrave, p. 109–131, 2017; JORDHEIM, Helge. Return to Chronology. In.: TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (eds.), **Rethinking Historical Time: New Approaches to Presentism**. London: Bloomsbury, 2019.

historicidade”¹² para o chamado de Berber Bevernage a uma “filosofia da historicidade”¹³ à filosofia da história de Eelco Runia¹⁴ aos esforços de Dipesh Chakrabarty de compreensão da historicidade gerada pela crise do Antropoceno¹⁵ e esperançosamente para o meu trabalho de meia-década sobre a “mudança sem precedentes” enquanto um novo tipo de mudança histórica.¹⁶ Ao invés

12 HARTOG, François. **Regimes of Historicity: Presentism and Experiences of Time**. New York: Columbia University Press, 2015.

13 BEVERNAGE, Berber. From Philosophy of History to Philosophy of Historicities: Some Ideas on a Potential Future of Historical Theory. **BMGN – Low Countries Historical Review**, v. 127, n. 4, p. 113–120, 2012.

14 RUNIA, Eelco. **Moved by the Past: Discontinuity and Historical Mutation**. New York: Columbia University Press, 2014.

15 CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of History: Four Theses. **Critical Inquiry**, v. 35, n. 2, p. 197–222, 2009; *Idem*. Anthropocene Time, **History and Theory**, v. 57, n. 1, p. 5–32, 2018.

16 SIMON, Zoltán Boldizsár. **History in Times of Unprecedented Change: A Theory for the 21st Century**. London: Bloomsbury, 2019.

de serem filosofias da história “analíticas” e “críticas” ou “especulativas” e “substantivas”, todas estas teorias almejam explorar uma *condição histórica* inteira, que fornece um objeto de estudo compartilhado tanto com os estudos históricos quanto implica em uma teoria dos estudos históricos (pelo fato de que a disciplina da história necessariamente opera sob a condição histórica explorada por estas teorias).

Agora, por que parece ser importante apontar isto? Em primeiro lugar, porque testemunhamos um excesso teórico das últimas décadas sem refletir substancialmente sobre o que a teoria poderia alcançar ou, mais precisamente, sem discutir qual noção de teoria poderia alcançar o quê. Em segundo lugar, porque uma intervenção recente do coletivo *Wild On* – um manifesto online chamado “*Theses on Theory and History*” – pretende reavivar debates sobre a conduta teórica dos estudos históricos, ou sua falta.¹⁷

17 KLEINBERG, Ethan; SCOTT, Joan W.;

As ideias no centro dos debates teóricos do último meio século eram ideias sobre “uma teoria da história” que tentava explicar a totalidade dos estudos históricos. Ainda assim, elas foram confundidas com (na melhor das hipóteses) e erroneamente tomadas (no pior dos casos) por teorias internas da história e esperava-se que elas transformassem os estudos históricos através de uma prática diferente. As teorias “pós-modernas” de história eram especialmente propensas a tais expectativas. Tanto seus defensores quanto seus oponentes pensaram que a medida do sucesso destas teorias deveria ser sua habilidade em trazer uma mudança espetacular não somente através da descrição e explicação da disciplina em novos termos, mas também pela aplicação de seus *insights*. Como Ernst Breisach colocou seu sucesso dependia de “*se a vida poderia ser*

WILDER, Gary. **Theses on Theory and History**, 2018. Disponível em: <http://theoryrevolt.com/download/WildOnCollective_Theses-Booklet_EN.pdf>.

*conformada a estas expectativas teóricas”.*¹⁸

Tal coisa simplesmente não poderia ter acontecido. Pois, como poderia uma teoria que explica a totalidade dos estudos históricos requerer qualquer conformação prática aos seus termos em nome da historiografia se o que ela afirma é que a historiografia *já é* como a teoria a descreve? Nenhuma história particular pode se conformar a uma noção teórica universal como, por exemplo, a noção de uma linguagem não-referencial. Se você aceita uma teoria da história que advoga esta visão sobre a linguagem, então você considera qualquer história já escrita desde a institucionalização dos estudos históricos como tendo uma linguagem não-referencial. Como você poderia esperar que transformação da prática histórica resulte em história não-referencial se você pensa que todas as histórias escritas já são não-referenciais? Ou, para termos um exemplo concreto na

18 BREISACH, Ernst. **On the Future of History: The Postmodernist Challenge and its Aftermath.** Chicago: The University of Chicago Press, 2003, p. 202.

forma de um chamado pós-moderno a estas transformações mais amplas¹⁹, quando Alun Munslow definiu “a escrita da história como uma representação narrativa constituída socialmente que reconhece a falha última daquela forma narrativa em representar” (o passado) “acurada ou objetivamente”, então todas as histórias já escritas e todas as histórias ainda por serem escritas devem ter sido consideradas por ele como tal.²⁰ E se a escrita da história já o é, então o imperativo em transformá-la naquilo que ela já é equivale a um empreendimento ininteligível. Tratar paternalisticamente a prática histórica ao exigir uma conformação a grandes definições teóricas dos estudos históricos somente cria um conflito entre estes e as teorias sobre história, a despeito do fato de que não faz diferença se os historiadores e historiadoras aceitam ou rejeitam esta definição.

¹⁹ Para um chamado recente, ver RADDEKER, 2007; para um mais antigo, ver JENKINS, 1991.

²⁰ MUNSLOW, Alun. **Deconstructing History**. London and New York: Routledge, 1997, p. 17.

Todavia, é possível sermos inspirados por estas teorias sobre a história, assim como por qualquer outra. Do mesmo modo que Quentin Skinner internalizou a teoria do ato de fala, ele se voltou a noções universais sobre a filosofia da linguagem, isto é, a noções que descrevem a linguagem sem limites temporais ou espaciais.²¹ O que Wittgenstein disse sobre os jogos de linguagem o que J. L. Austin falou sobre a função performativa da linguagem, Skinner pensou serem válidos no que concernia seu caso em particular: a linguagem na qual suas fontes foram escritas. Em outras palavras, Skinner tomou uma teoria que exigia a universalidade de todos os atos de fala, a despeito de limites temporais e espaciais, e transformou seus *insights* em uma teoria da história interna como um método para a história das ideias.

Pela mesma premissa, é possível internalizar mesmo uma teoria sobre

21 SKINNER, Quentin. **Visions of Politics Vol. 1: Regarding Method.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

a história. Ela então se torna mais uma abordagem particular dentre muitas, e se deita raízes, ela pode resultar em mudanças *internas* dentro da disciplina. Foi precisamente isto que Ann Rigney fez ao explorar as várias representações narrativas da Revolução Francesa ou que histórias experimentais fizeram ao explorar novas formas inspiradas pelas ideias narrativistas.²² Ainda assim, como apontou Frank Ankersmit, cada experimento, para ser qualificado como experimental, deve ser único quando comparado com outros.²³ Mesmo quando tomados em seu conjunto, eles precisam ser qualificados como uma “classe específica” de estudos históricos e se diferenciar de outras formas de estudos históricos. Em outras palavras,

22 MUNSLOW, Alun; ROSENSTONE, Robert A. (org.). **Experiments in Rethinking History**. London and New York: Routledge, 2004.

23 ANKERSMIT, Frank. Manifesto for an Analytical Political History. JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (org.), **Manifestos for History**. London and New York: Routledge, p. 179–196, 2007.

para explicar nos termos deste ensaio, a história experimental pode levar a mudanças particulares *dentro* dos estudos históricos ao internalizar e particularizar uma teoria geral sobre a história, mas somente enquanto uma teoria da história internalizada e não enquanto uma teoria *sobre* a história.

Estes são, então, os dois principais sentidos de “uma teoria da história”: uma teoria que pertence à história enquanto estudos históricos e que constitui um método ou abordagem específica e uma teoria sobre a totalidade da história entendida tanto como estudos históricos quanto o curso cambiante dos assuntos humanos (ou uma teoria sobre ambos).²⁴ Portanto, atuar no papel de um

24 É possível dizer que teorias da história internas são teorias na história em oposição a teorias da história que são sobre a história. É este motivo pelo qual, na elaboração do *Zentrum* em Bielefeld, nós seguidamente distinguimos entre elas. Ainda assim, quando a meta é alcançar a integridade entre teoria e filosofia da história como um campo de estudos inclusivo, o “na” e o “de” introduzem uma outra divisão desnecessária que poderia ser facilmente transformada em separação. Por este

teórico ou teórica da história pode resultar no desenvolvimento de “uma teoria da história”, em qualquer um dos sentidos, como mostram os exemplos de Munslow e Skinner. E como demonstra o caso da história experimental, estes dois sentidos de “teoria da história” podem até interagir. Mas o ponto principal é que atuar no papel de um teórico ou teórica da história em um sentido ou outro significa se comprometer explícita ou implicitamente com uma “teoria da história” em um sentido ou outro. É claro que isto não significa que teóricos ou teóricas da história devam necessariamente desenvolver uma teoria completa, seja ela o método de Skinner ou uma teoria de história pós-moderna. Isto significa, contudo, que, na medida em que teóricas e teóricos da história entram no diálogo, eles ao menos contribuem, pressupõem ou argumentam a favor de uma ou outra. Pois “uma teoria da história” é

motivo, eu insistiria em defender uma “teoria da história” de sentido compartilhado que consiste em consiste em dois subcasos ocasionalmente entrelaçados de serem internos à história e sobre a totalidade da história.

simplesmente o propósito do jogo. A coisa mais importante a se perceber ao se entrar nesta troca é não confundir as expectativas vinculadas a um ou outro sentido de “uma teoria da história”, como constantemente ocorreu nas últimas décadas.

Agora que já passamos pelo auge da filosofia narrativista da história e da teoria da história pós-moderna, agora que uma geração mais jovem assume o papel de teorizar a história contra o pano de fundo do horizonte de experiências de seus próprios tempos, agora que as redes, centros e eixos tentam unir um campo de teoria e filosofia da história amplamente entendido, o tempo está maduro para chegarmos a um acordo sobre o que pode ser razoavelmente esperado dos vários tipos de “teoria” e sobre como essas diferentes “teorias da história” relacionam-se umas com as outras. Se, como penso, Ewa Domanka está correta ao dizer que hoje necessitamos desenvolver teorias da história adequadas aos problemas do nosso tempo,

então é igualmente importante termos uma ideia sobre a utilidade destas teorias.²⁵ Este poderia ser o primeiro passo em direção a uma relação mais frutífera entre a não disciplina de teoria e filosofia da história e as disciplinas institucionalizadas com cujos caminhos ela cruza, especialmente aqueles da história. Pois uma teoria e filosofia da história é mais do que uma coleção de antigas preocupações com as seguidamente errôneas ambições do último meio século. Hoje, ela é o que fazemos dela.

25 DOMANSKA, Ewa. Beyond Anthropocentrism in Historical Studies. **Historiein**, v. 10, p. 118–130, 2010.

Bibliografia

ANKERSMIT, Frank. Manifesto for an Analytical Political History. JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (org.), **Manifestos for History**. London and New York: Routledge, p.179–196, 2007.

BEVERNAGE, Berber. From Philosophy of History to Philosophy of Historicities: Some Ideas on a Potential Future of Historical Theory. **BMGN – Low Countries Historical Review**, v. 127, n. 4, p. 113–120, 2012.

BOWEN RADDEKER, Hélène. **Sceptical History: Feminist and Postmodern Approaches in Practice**. London and New York: Routledge, 2007.

BREISACH, Ernst. **On the Future of History: The Postmodernist Challenge and its Aftermath**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of History: Four Theses. **Critical Inquiry**, v. 35, n. 2, p. 197–222, 2009.

CHAKRABARTY, Dipesh: Anthropocene Time, **History and Theory**, v. 57, n. 1, p. 5–32, 2018.

DANTO, Arthur C. **Narration and Knowledge: Including the Integral Text of Ana-lytical Philosophy of History**. New York: Columbia University Press, 1985.

DOMANSKA, Ewa. Beyond Anthropocentrism in Historical Studies. **Historein**, v. 10, p. 118–130, 2010.

FARELD, Victoria. Between the Living and the Dead: New Perspectives on Time in History. **History Compass**, v. 14, n. 9, p. 430–440, 2016.

HUGHES-WARRINGTON, Marnie. **Revisionist Histories**. London and New York: Routledge, 2013.

JENKINS, Keith. **Rethinking History**. London and New York: Routledge, 1991.

JORDHEIM, Helge. Return to Chronology. *In.*: TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (org.), **Rethinking Historical Time: New Approaches to Presentism**. London: Bloomsbury, 2019.

KLEINBERG, Ethan; SCOTT, Joan W.; WILDER, Gary. **Theses on Theory and History**, 2018. Disponível em: <http://theoryrevolt.com/download/WildOnCollective_Theses-Booklet_

EN.pdf>. Acesso em: Obs: falta a data de acesso.

LORENZ, Chris. The Times They Are a-Changin: On Time, Space and Periodization in History. CARRETERO, Maria; BERGER, Stefan; GREVER, Maria (org.), **Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education**. Palgrave, p. 109–131, 2017.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality**. New York: Pantheon, 3 v., 1978.

HARTOG, François. **Regimes of Historicity: Presentism and Experiences of Time**. New York: Columbia University Press, 2015.

EPPLE, Angelika. Calling for a Practice Turn in Global History: Practices as Drivers of Globalization/s. **History and Theory**, v. 57, n. 3, p. 390–407, 2018.

MUNSLOW, Alun. **Deconstructing History**. London and New York: Routledge, 1997.

MUNSLOW, Alun; ROSENSTONE, Robert A. (org.). **Experiments in Rethinking History**. London and New York: Routledge, 2004.

PARTNER, Nancy. Foundations: Theoretical Framework for Knowledge of the Past. *In.*:

PARTNER, Nancy; FOOT, Sarah (org.), **The SAGE Handbook of Historical Theory**. Los Angeles: SAGE, 2013, p. 1–8.

PAUL, Herman. **Key Issues in Historical Theory**. London and New York: Routledge, 2015.

RUNIA, Eelco. **Moved by the Past: Discontinuity and Historical Mutation**. New York: Columbia University Press, 2014.

SIMON, Zoltán Boldizsár. **History in Times of Unprecedented Change: A Theory for the 21st Century**. London: Bloomsbury, 2019.

SIMON, Zoltán Boldizsár; KUUKKANEN, Jouni-Matti. Introduction: Assessing Narrativism. **History and Theory**, v. 54, n. 2, p. 153–161, 2015.

SKINNER, Quentin. **Visions of Politics Vol. 1: Regarding Method**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

SPIEGEL, Gabrielle M. Revising the Past / Revisiting the Present: How Change Happens in Historiography. **History and Theory**, v. 46, n. 4, p. 1–19, 2007.

WALSH, William H. **Philosophy of History: An Introduction**. New York: Harper, 1960.